

As trajetórias escolares dos sujeitos indígenas e o discurso intercultural: construindo redes de significados

Kátia Silva Santos^{1 *}

Mario J. P. da Mata²

1. Pesquisadora/professora do Depto. De Ensino IFBA – campus de Porto Seguro – BA. katipedagogi@yahoo.com.br

2. Pesquisador/professor do Depto. De Ensino IF Baiano – campus de Itapetinga-BA.

Palavras Chave: *Memórias, Interculturalidade, Trajetórias.*

Introdução

Este estudo objetiva apresentar uma análise aos memoriais de vida dos discentes bolsistas do Programa de Iniciação à Docência – PIBID/Diversidade, da área Intercultural, no contexto da Licenciatura Intercultural Indígena do Instituto Federal da Bahia/IFBA, campus Porto Seguro, dando ênfase às trajetórias escolares. Nesse sentido, buscamos através dos memoriais de vida, olhar a história dos outros, nos misturar, alinhar-nos a elas, pisando em solos insertos, assumindo as diferenças e as continuidades; buscando o que é multi e uno; desejando a aproximação com um conceito possível para Interculturalidade.

Resultados e Discussão

O estudo teve como superfície a pesquisa qualitativa, já que o termo – **qualitativa** - guarda o significado de partilha densa com sujeitos, com pessoas, com fatos e com locais. Assim, no contexto desse estudo, os memoriais foram inicialmente pensados como instrumentos de pesquisa. O enfoque aos memoriais nos levou à produção de Bakhtin, na qual os papéis sócias, desempenhados pelos sujeitos, geram a interação verbal via discurso. Ainda guiados pela produção bakhtiniana, nesse estudo, ganharam destaques os conceitos de *ator, autor, autoria, autobiografia*.

Sabemos que o Memorial é um tipo de gênero discursivo, uma narrativa descritiva e analítica de si. Segundo Gaspar (ET.al, 2011), esse tipo de escrita tem a potência de liberar a construção de pontes do passado com o presente, com base nesse ato de rememorar-se. Afirmamos que a aproximação com a fala, com o processo de *autodescrição de si* realizada pelos sujeitos exigiu e exige sensibilidade e o reconhecimento da possibilidade de autorefer-se. Vejamos trechos de um dos memoriais analisados:

[...]Venho de uma família indígena de onze irmãos (nove homens e duas

mulheres), onde dois dos nove irmãos homens morreram por morte natural. Ficando sete homens e duas mulheres, totalizando nove irmãos vivos. [...] Comecei estudar com sete anos de idade na primeira série, na primeira escola indígena da Aldeia Boca da Mata que era feita de tábuas [...]. Para chegar à escola tínhamos que sair as seis da manhã, objetivando chegar no horário das aulas que tinha início as sete e meia. Chegávamos as sete e vinte, gastávamos dez minutos para vestir a roupa que ia dentro de uma embalagem de saco de arroz para que não fosse molhada pelo orvalho. Ao voltar para casa com muita fome, íamos pegando mangaba, araquá e caju que encontrávamos no caminho e depois saíamos brincando de pegar uns aos outros e chegávamos bem mais rápido em casa, isso era tão divertido! [... (sujeito X)

Conclusões

As incursões aos memoriais vêm permitindo inferir que se faz necessário problematizar as bases do discurso intercultural imbricadas à vida e trajetória escolar dos sujeitos indígenas; trajetórias marcadas, em muitos casos, por movimentos que sinalizam a busca ‘ingênua’ por uma escola que possibilite conhecimento e que esse gere transformações sociais e econômicas em suas vidas. Com base nesta crença ‘transformadora da escola’ é que emergem elementos paradoxais: primeiro, uma tentativa de adequação aos ‘ritos’ (uso de uniforme, os tempos, a disciplina) de um tipo de escola pensada para sujeitos não indígenas; segundo, uma espécie de permanência, sobrevivência e afirmação do Ser Indígena, aspecto marcante em muitos memoriais quando os sujeitos relatam que ao saírem da escola, sentiam-se ‘livres’, brincavam de correr, subiam nas árvores.

GASPAR, Monica Gadelha de SOUZA; ARAUJO, Maria de Fátima; PASSEGI, Maria da Conceição. **Memorial – Gênero textual** (Auto) biográfico in: anais VI SIGET Simpósio Internacional de Estudo de Gênero Textual. Agosto de 2011. ISBN 978-85-7273-796-8.
BAKHTIN, M. **O autor e o herói na atividade estética. Estética da criação verbal**. Trad. Maria G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.